

# DO PASSADO AO FUTURO: TAREFAS DA TEOLOGIA E DOS TEÓLOGOS NA AL E NO MUNDO.

- **O QUE É TEOLOGIA:** uma interpretação e um aprofundamento da Bíblia que nos ajudam a: *saber mais e melhor a respeito de Deus*

*saber mais e melhor a respeito daquilo que Deus quer de nós.*

Estas duas funções da teologia, apesar de serem parecidas, próximas e interdependentes, podem, porém, levar a dois tipos muito diferentes e opostos de teologia:

- à teologia do pensar e do saber
- à teologia do viver e do fazer.

Especificando um pouquinho mais, poderíamos afirmar que a primeira é uma teologia do **pensar e saber para si**, enquanto a segunda é uma teologia do **viver e fazer para os outros**. Cuidado porém. Estas características opostas das duas teologias não são evidentes e, sendo acompanhadas por outras notas menos importantes, ficam um pouco escondidas ou quase invisíveis. Numa palavra, para reconhecermos melhor e distinguirmos as duas teologias, precisamos ter com elas uma certa familiaridade ou uma prolongada experiência das suas orientações.

- **A teologia alfa ou de linha conservadora.** Alfa é a primeira letra do alfabeto grego e, na Bíblia, representa o começo de todas as coisas. Nós usamos agora esta primeira letra do alfabeto grego para indicar o primeiro tipo de teologia: a do pensar e saber para si, ou seja, uma teologia voltada para trás, ou de tendência aristocrática e conservadora. A do pensar e saber quem é Deus, o criador e senhor de todas as coisas, o todo poderoso que domina o universo desde a eternidade e que concede muitos privilégios àqueles que ele escolhe e quer que sejam seus representantes aqui na terra. Quanto mais os adeptos desta teologia conhecem a Deus, tanto mais o sentem próximo de si mesmos e extremamente generoso em conceder-lhes encargos e favores. Esta teologia não parte propriamente da Bíblia, mas das formulações dogmáticas que foram extraídas (?) da Bíblia nos séculos quarto e quinto da era cristã, em particular dos Concílios de Nicéia (325), Éfeso (431) e Calcedônia (451). O Cristo que esta teologia admira e considera seu objeto preferido é o Cristo sentado à direita do Pai, o Cristo que recebe do Pai todos os poderes e os distribui a seus representantes na terra. Se trata portanto de um Cristo imperial que tem pouco ou muito pouco a ver com o Cristo dos Evangelhos, com o Cristo que preferia os sem poder e se identificava com o pobre, com o faminto, com o preso, com o peregrino e o leproso marginalizado. Este Cristo de Calcedônia não combina com o Cristo dos Evangelhos que autorizava seus discípulos a serem somente servidores e que, enfrentando os poderes de todos os tipos –religiosos, políticos, jurídicos e culturais– aceita de morrer na cruz para salvar o projeto do Reino de Deus. Criado pelos bispos e papas, por teólogos, generais e imperadores, criado pelas classes privilegiadas e dominadoras, o Cristo de

Calcedônia não deve e não pode se misturar com oprimidos e humilhados, com as vítimas de todos os abusos e poderes. Pretender isso é como pretender que o fogo seja água, que o calor seja frio, que a força seja fraqueza, que o poder seja impotência, que a vida seja morte.

- **A teologia omega ou de linha popular e inovadora.** Omega é a última letra do alfabeto grego e indica o ponto final, o ponto de chegada de todas as coisas. Vamos nos servir desta letra para indicar e descrever o segundo tipo de teologia, a teologia que consiste em **saber e viver para os outros, ou seja**, uma teologia de linha popular e inovadora. Antes de tudo a teologia omega não conhece Deus por enquanto, mas sabe que o poderá conhecer se si meter a caminho, o poderá conhecer se não se cansará de andar, de evoluir e progredir até chegar à meta final, ao momento em que o Filho entregará ao Pai o Reino estabelecido sobre a terra ao longo de toda a história. Mesmo não conhecendo a Deus, esta teologia sabe bastante bem o que os crentes tem que fazer sobre a terra. Ela tem como mestre o Jesus de Nazaré, o Jesus histórico da multiplicação dos pães e da morte na cruz, o Jesus que lhe explicou e ensinou aquilo que o Pai do céu espera de cada um de nós. Esta teologia sabe que poderemos conhecer Deus na medida em que poderemos viver como Jesus e praticar como Jesus o amor, o perdão, a justiça, a partilha, a igualdade e a fraternidade. Esta teologia não fala de poder, ambições, prosperidade e riqueza e não promete nenhum favor a ninguém. Ao contrário, esta teologia fala somente de serviço e de preferência que devemos dar aos outros, especialmente aos pequenos, aos humilhados e crucificados. Esta teologia nos assegura que somente nos outros e, então, somente no trabalho, somente na luta, somente na perseguição e no sofrimento que enfrentaremos por causa dos outros, poderemos encontrar Deus e sermos envolvidos no seu mistério, no seu projeto e no seu amor. Esta teologia não ensina alguma forma de aliança com os poderosos, pois os crentes não podem andar de braços dados com os algozes e assassinos dos mais humildes filhos de Deus. Esta teologia é típica dos nossos tempos e da América Latina, mas poderemos constatar que já existiu em Jesus e apareceu várias vezes ao longo da história.
- **EXEMPLOS DE TEOLOGIA ALFA (aristocrática ou conservadora).**
- **Séc. XIV antes de Cristo.** O Egito é dividido em muitos reinos e cada reino tem um deus próprio. Mas surge no Egito um poeta, sacerdote e profeta: Amenofi IV. Ele não gosta de tantos deuses e começa a pregar uma nova teologia: o monoteísmo, um deus único para todo o país. Resultado: ele se torna o único rei do país conquistado e amalhado em nome do único deus.
- **Séc. Iº da era cristã.** Para manter sua unidade e seu domínio, o império romano adota uma teologia mais flexível: não faz mal que haja muitos deuses, basta que cada povo, além de praticar o próprio culto, pratique também o culto do império e coloque nas praças e nos templos a estátua do imperador divinizado. Esta teologia será aceita até pelos judeus, mas não pelos cristãos.

Com um outro monoteísmo, os cristãos conquistarão o império trezentos anos depois. De verdade?

- **Séc. IV, V e VI da era cristã.** A teologia suscita e resolve todas as diatribes entre império e igreja. Se Cristo é da mesma substância do Pai, então o papa, sucessor de Cristo, tem todo poder na igreja assim como o imperador, representante do Pai, tem todo o poder no império. Resultado: igreja e império são independentes um do outro. Segunda hipótese: se Cristo é inferior ao Pai, como afirmam os arianos, a igreja é automaticamente inferior ao império. Resultado: igreja, papa e bispos devem se submeter ao império e colocar-se ao seu serviço. É quanto acontecia ou podia acontecer a cada eleição do novo imperador.
- **Séc. XI da era cristã.** O papa, vigário de Cristo, tem todo poder no céu e na terra. Nenhum rei, nenhum imperador pode assumir o governo de um povo sem que seja consagrado e/ou entronizado pelo papa. Resultado: todos os reis, todos os imperadores consagrados e/ou entronizados pelo papa devem pagar impostos a sé de Pedro em Roma.
- **Séc. XVI da era cristã.** A causa da reforma e dos reformadores, o papa perde muito do seu poder na Europa. Os países nórdicos -Dinamarca, Suécia, Noruega- se rebelam contra Roma. Alemanha, Holanda, Inglaterra e França se subtraem em grande parte a qualquer forma de domínio de Roma sobre seus povos. Qual a resposta da igreja às derrotas que contrastavam e negavam sua teologia aristocrática e conservadora em fato de domínio universal? O papa (Alexandre VI, 1492) tinha autorizado Espanha e Portugal a conquistar e dividir o mundo entre si, à condição de implantarem igrejas e reinos cristãos obedientes ao papa. Com a divisão da igreja seguida à rebelião de Lutero, veio para os católicos uma cobertura adequada ao fracasso em curso: perdemos o norte da Europa, mas ganhamos muito mais na Ásia, África e América. Na mesma linha pode ser interpretada a lenda que atribui a Francisco Xavier dez milhões de batizados. Sem esquecer que, com a autorização do vigário de Cristo, Espanha e Portugal abriram quatro séculos de desenfreado colonialismo infernizando-o com escravidão, matanças e genocídios, empobrecimento e miséria que impedem ainda hoje a independência real do terceiro mundo. Dois séculos depois, os missionários franceses viajavam para os países do sudeste asiático afirmando que valia a pena atravessar os mares para salvar as almas. Era só para salvar almas?
- **Séc. XX da era cristã.** Aliado dos Estados Unidos e dos países do primeiro mundo, mas não só, o Vaticano condena a teologia da libertação, as comunidades de base e um novo tipo de igreja que poderia surgir a partir do povo e da doutrina do Concílio Ecumênico Vaticano II. Qual a teologia que está por trás destas posições repressivas? Aquela de sempre, ou seja, a teologia do Cristo de Calcedônia, a teologia das classes privilegiadas, a teologia de quem tem autoridade e poder e não pode renunciar, por um só milímetro, ao

domínio que está exercendo desde sempre. Se vejam, a este propósito, as ameaças e intimidações que o teólogo Jon Sobrino recebeu ultimamente por ter recriado uma teologia que parte do Jesus histórico e libertador, do Jesus condenado a morte por ter proposto, em nome do Pai do Céu, uma nova ordem social, um mundo fraterno e para todos.

- **A maior vítima da teologia alfa, aristocrática e conservadora.** Foi o povo cristão, o conjunto dos que são chamados os leigos. A partir da primeira metade do segundo século da era cristã aparece uma divisão vertical dentro da igreja: uma pequena minoria tende a assumir o comando entre os batizados, enquanto a massa, a maioria desliza, pouco a pouco, em estado de dependência. Esta divisão vertical se aguça com a conversão em massa associada à decisão de Constantino de distribuir poderes e salários somente a quem se faz batizar. Enquanto as basílicas se enchem de batizados por oportunismo, os bispos se sentem obrigados a colocar na mão do clero os batizados convertidos e não convertidos, tirando das comunidades o poder de consagrar a eucaristia e, em prática, o poder de ser eucaristia e de mexer na realidade. Nesta situação, Constantino poderá dizer a bispos e padres: vocês pensem às almas e ao céu, pois à terra penso eu. Dois séculos depois o pseudo-Dionísio completará a obra divisória afirmando que a estrutura hierárquica da igreja na terra é somente uma projeção da estrutura hierárquica que vige no céu. O Cristo de Calcedônia continuará a vencer e comandar até aos nossos tempos, reduzindo bilhões de leigos a ser somente número ou massa de manobra.
- **EXEMPLOS DE TEOLOGIA OMEGA (popular e inovadora).**
- **Séc. IV e seguintes da era cristã.** Na sua inspiração profunda, o monaquismo é sem dúvida um exemplo brilhante de teologia omega. Os monges querem viver segundo o Evangelho, à maneira de Cristo e, não podendo mais testemunha-lo pelo martírio, o querem testemunhar com a penitência, a mortificação, o despojamento, a oração e a obediência. Fogem para o deserto porque, na sociedade falsamente cristianizada, não é permitido viver a pobreza e a impotência de Jesus de Nazaré, não é permitida a partilha dos bens, a renúncia a poderes e cargos, a luta contra os poderes abusivos e contra a exploração dos povos pelos que dominam a religião e a política.
- **Séc. XI, XII e XIII da era cristã.** Os povos da Europa meridional, sobretudo na França, na Itália e na Espanha, percebem que as classes altas da igreja não estão praticando o Evangelho e começam a exigir uma igreja mais pura e mais espiritual. Pregadores leigos chefiam revoltas na hora de pedir a padres, bispos e monges que voltem a viver no meio do povo cristão e ao seu serviço, falam de um sacerdócio comum a todos os batizados e pedem de ter voz e vez na comunidade eclesial. Estes contestadores serão em grande parte exterminados, mas a boa semente ficará voando pelos ares até instalar-se no coração de um certo Francisco de Assis.

- **Francisco e os primeiros franciscanos (séc. XIII).** O “poverello” de Assis não queria fundar e dirigir uma ordem religiosa, como não queria se colocar, com seus frades, a serviço das estruturas da igreja (pastoral, pregação, paróquias, dioceses, ensino, seminários etc.). Queria que seus frades vivessem no meio do povo e que ganhassem a comida não pedindo esmola, mas trabalhando nos campos junto aos mais pobres. A este propósito são famosas as suas reações frente aos galpões que tinham sido construídos para abrigar os frades que celebravam o capítulo das esteiras ou frente às palavras com as quais o cardeal Ugolino, protetor da fraternidade, o convidava a ceder às pressões da Sé Apostólica. Francisco queria que seus frades cumprissem o ministério da palavra dando bom exemplo pelas ruas e pelas praças e praticassem a pobreza para depender da bondade do Pai do Céu em vez que da proteção dos ricos e poderosos. Para Francisco, a teologia e a igreja eram o povo cristão e queria que a sua fraternidade fosse o fermento desta igreja e teologia populares. A ambição única e global de Francisco era viver como o Jesus do Evangelho. Uma teologia estrepitosa.
- **Ângela Merici e as ursulinas (séc. XV e XVI).** Ângela queria que a vida religiosa dos mosteiros -a penitência, o amor, a caridade, o perdão, a oração e as obras da fé- fosse vivida ao ar livre, nas ruas, praças e casas da gente. Não é improvável que tivesse esta idéia a partir de notícias sobre Francisco de Assis. Ângela queria que o Evangelho fosse vivido na sociedade, em vez que nos conventos. Conseguiu? Só em parte e durante a sua vida. Ao seu desaparecer da história, as ursulinas foram obrigadas a se fechar entre mosteiros e viver em regime de clausura. No séc. XIX surgiram as *ursulinas no mundo* e, antes da segunda guerra mundial chegaram a ser 50.000, mas não souberam se renovar e hoje estão morrendo.
- **Vicente de Paulo e Luisa de Marillac (séc. XVII).** Num tentativo semelhante, o senhor Vicente, com a fundadora da ordem da caridade Luisa de Marillac, teve mais sucesso. Ele queria que suas freiras de caridade, vestidas como as mulheres da Bretanha, se dedicassem aos pobres, crianças, idosos e doentes, mas, sendo freiras, não podiam sair dos conventos ou casas religiosas. Para conseguir que saíssem, inventou um estratagema. Começou a dizer que suas seguidoras não eram freiras. De fato, elas não emitiam os votos perpétuos como as freiras das outras ordens, mas somente votos anuais. Também as irmãs da caridade chegaram a ser a maior ordem feminina da igreja católica; Acho que ainda o sejam.
- **João XXIII e o Concílio E. Vaticano II.** Só algumas palavras: após séculos de ostracismo, obscurantismo, excomunhões e ferozes condenações, conseguiu abrir as janelas do Vaticano e da igreja, conseguiu que a igreja olhasse para frente e começasse a calcular o caminho que lhe faltava empreender e percorrer. Um caminho que foi interrompido pelos seus sucessores, com

consequências negativas que, em face ao futuro do cristianismo e da história, não são ainda avaliáveis.

- **Elder Câmara e Oscar Romero.** Dois santos de estatura inatingível para a grande maioria dos eclesiásticos e dos cristãos. Mas, para que sejam declaradas suas virtudes e seus méritos, a igreja deve mudar de teologia, deve mudar de estrutura e de comportamento. Os adversários dos dois homens de Deus no Vaticano eram mais ouvidos que eles próprios. Oscar Romero foi assassinado por um governo que, através de ramificações diplomáticas, tinha o apóio e a confiança do Vaticano. A teologia que olha para frente dá vida, alegria e esperança. A que olha para trás, mata.

- **OBSERVAÇÕES CONCLUSIVAS**

Antes de chegarmos às previsíveis tarefas que deveríamos assumir na AL e no mundo, gostaria colocar algumas observações conclusivas a respeito do já narrado e afirmado entorno de duas teologias opostas e inconciliáveis.

**1ª Observação:** não acontecem fatos importantes e determinantes na história do mundo e das religiões sem uma teologia. Exemplo: atrás do capitalismo e da acumulação de bens à concentração mundial, por meio da globalização, existe uma teologia, ou precisamente existe a teologia do *Mammona iniquitatis*, a teologia do Satanás que convida Cristo a se ajoelhar para, adorando o mesmo Satanás, se tornar dono de todas as riquezas do mundo.

**2ª Observação:** até agora existiram somente duas teologias: a do pensar e do saber que tende a deixar tudo como está e a de viver e do agir que tende a avançar, mudar, transformar fazendo concordar forças e perspectivas.

**3ª Observação:** as duas teologias, a conservadora e a inovadora, podem andar de braços dados e oferecer a impressão que ambas tem valor e ambas podem dedicar-se a problemáticas apropriadas. Nenhuma ilusão, pois as duas são antitéticas e se negam reciprocamente. No melhor dos casos, a teologia conservadora estará aí para neutralizar as forças e os eventuais passos para frente da teologia inovadora.

**4ª Observação:** a teologia do pensar e do saber, ou seja, a teologia conservadora se pode esconder atrás de aparências positivas e inocentes como a ordem, a disciplina, a obediência, a oração, o canto, a liturgia a espiritualidade ou a tradição. Por sua vez, a teologia do viver e do agir, ou seja a teologia inovadora, não despreza as coisas que todo mundo aprecia tais como a ordem, a disciplina, a oração, o estudo, a reflexão e a pesquisa, mas a uma condição: que estes recursos universais sejam considerados somente como combustível para avançar ou como trampolins para pular corajosamente no escuro. Infelizmente, quando privados de uma perspectiva que alerte, os bens rotineiros acabam sobrando e se tornando enfadonhos. Em todo caso, os bens

rotineiros cumprem a função de afastar os empenhos que, no sub-consciente, se decidiu de não assumir. Quanto mais longa a liturgia ou a procissão, menos tempo irá sobrar para as obras da fé recomendadas na carta de S. Tiago.

**5ª Observação:** uma teologia inovadora é possível e realista somente quando se tem um programa, um projeto, uma meta a alcançar que seja concreta e bastante determinada. Quero dizer, a teologia inovadora não pode contentar-se em manter um quadro de observâncias rotineiras ou uma organização, uma engrenagem de relógio suíço como são as paróquias, as dioceses ou as comunidades religiosas. As observâncias rotineiras e as belas organizações – falo em horário, oração, leitura, missa, batizado, catequese, procissão, recreio, estudo e aulas noturnas- por si mesmas não chegam a nada. É este o drama de uma paróquia ou comunidade religiosa de padres, freiras ou seminaristas. Se reza, se canta, se estuda, se merenda, se distribuem tarefas, se carregam as paredes de imagens sacras, se dividem os bairros em áreas e diaconias, se escolhem coordenadores e missionários, mas, em seguida, nada acontece ou tudo fica como era. O problema é que não se tem uma meta nem a curto, nem a longo prazo. Se anda ao acaso, não se sabe onde se chega ou se deveras se quer chegar a lugar algum. Vejamos Lula ou Castro. Eles tinham e tem projetos concretos e verificáveis. Castro conseguiu escola para todos, se não universidade para todos. Conseguiu saúde para todos, trabalho para todos, médicos entre os melhores do mundo, enviando-os para os países pobres de vários continentes. Lula se meteu na cabeça de alimentar alguns milhões de pessoas e conseguiu. Eu digo sempre: têm mais eucaristia no projeto FOME ZERO de Lula que em todas as missas de todos os padres, bispos e papas. Nós padres rezamos dois milhões de missas por semana, mas a política mundial, a política da fome, da guerra, da roubalheira internacional não muda de um milímetro. O diabo é que, desde crianças, nos obrigaram a pensar que a missa tem valor infinito e, se tem valor infinito, é lógico atender-se que tenha poder de dar solução a qualquer problema. Dito em termos mais acessíveis, as práticas rotineiras desde séculos nos convencem que temos cumprido o dever e que, não ficando mais nada a fazer, podemos sentar em paz, na companhia do Senhor. Ide em paz e o Senhor vos acompanhe. Uma formidável teologia que nos lembra a ordem de Constantino à igreja: vocês pensem às almas e ao céu pois à terra penso eu. Pelo contrário, vejamos como se comportam os assaltantes de rua. Eles sempre tem um projeto concreto e elementar: eles querem que o dinheiro dos bolsos alheios passe para seus bolsos. Nem mais nem menos, e chegam lá.

- **TAREFAS DA TEOLOGIA E DOS TEÓLOGOS (na AL e no mundo)**

**Primeira tarefa:** se convencer que o problema número um de qualquer religião, cultura, ciência ou política não é o passado, mas o futuro, não é o ponto de partida, mas o ponto de chegada. Marx tinha uma teologia que pode ser a nossa: o problema não é saber como è feito o mundo, mas mudá-lo. Sobre

este assunto são estupendamente belas algumas teses do teólogo marxista Ernest Bloch.

**Segunda tarefa:** prosseguir sem demora na luta de libertação de todas as categorias oprimidas e humilhadas: pobres, analfabetos, presidiários, mulheres, homossexuais, camponeses, sem terra, migrantes, desempregados, doentes, handicapados. Traçando projetos... como acima.

**Terceira tarefa:** formar igrejas ou comunidades de pessoas iguais e interdependentes, embora pertençam às categorias várias e não assimiláveis, e, também, reunir pessoas de religiões ou igrejas diferentes é idéia excelente e indispensável. A teologia atual tende a afirmar que todas as religiões salvam. O problema principal para nós não é o tipo de religião que praticamos, mas o projeto de mudar o mundo a partir da nossa religião ou de qualquer religião. Se as religiões não se juntam para dialogar e colaborar com aquilo que tem de melhor, poderão chegar ao fim.

**Quarta tarefa:** convencer cada cristão e cada ser humano acerca da sua pessoal e intransferível vocação ou missão. Todo mundo tem vocação, todo mundo tem uma missão a cumprir em relação à inteira humanidade. Naquilo que podemos realizar por meio dos dons pessoais, ninguém poderá tomar o nosso lugar, ninguém poderá repor o que faltou por nossa negligência e desdenho.

**Quinta tarefa:** convocar todo mundo, todas as religiões, culturas, saberes, filosofias, ciências, profissões, políticos, economistas, educadores, artistas, trabalhadores, esportistas, escritores, poetas, profetas e teólogos a colaborar no projeto de fazer da humanidade uma só família e de fazer do universo o Reino de Deus. Este fabuloso caminho e a sua fabulosa meta estão aparecendo no infinito de Deus apesar da teologia conservadora e dos alarmantes temores das religiões. Deus nos chama para frente e, esta vez, com o apoio de tudo o que é positivamente moderno e deslumbrante.

Belém, 5 de dezembro de 2007.

Savino Mombelli, doutor em  
teologia da missão e já professor na UFPA  
e no IPAR/Belém.